

A vibrant, stylized landscape featuring a blue river winding through green fields. In the background, there are green mountains and a sunset sky with orange and purple hues. A palm tree is visible on the left side of the image.

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO



INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO

[Livro Infantojuvenil]

Realização



Patrocínio

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



Niterói, março de 2023

ESTE MATERIAL FAZ PARTE DO PROJETO
HISTÓRIAS DE PINDORAMA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, INFÂNCIAS



INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO
LIVRO INFANTOJUVENIL [DIGITAL]

Concepção e Texto

Claudia Hlebetz Teixeira

Ilustrações [Colagens digitais]

Gregorio Sebastian e Claudia Hlebetz Teixeira

Fotografias

Priscila Iglesias, Claudia Hlebetz Teixeira e Paulo Bi

Projeto Gráfico

Claudia Hlebetz Teixeira

Imagens

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Realização

Emabring Serviços e Brinquedos Educativos Ltda

<https://www.emabring.com.br/>

https://www.instagram.com/emabring_brinquedos/

contato@emabring.com.br

Projeto Histórias de Pindorama

<https://historiasdepindorama.com.br>

Patrocínio

Secretaria de Cultura e Economia Criativa Governo do Estado do Rio de Janeiro

[Edital Retomada Cultural RJ 2 — 2021]

+Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Claudia Hlebetz
Independência do Brasil [livro eletrônico] : a
criação de uma nação / Claudia Hlebetz Teixeira ;
ilustração Gregorio Sebastian , Claudia Hlebetz
Teixeira. -- 1. ed. -- Niterói, RJ : Histórias de
Crianças, 2023.

PDF

ISBN 978-65-980222-2-8

1. Brasil - História - Independência - Literatura
infantojuvenil I. Sebastian, Gregorio. II. Teixeira,
Claudia Hlebetz. III. Título.

23-154590

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : História : Literatura infantil 028.5

2. Brasil : História : Literatura infantojuvenil
028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Na terra das palmeiras,
chamada de Pindorama pelos povos que
aqui viviam,
a floresta e os rios, o céu e o vento,
a chuva, os bichos,
os homens, as mulheres e as crianças
eram parte de tudo o que existia.
E eram muitos:
Tupi-Guaranis, Tapuias,
Tupinambás, Temiminós,
Tupiniquins, Aymorés, Carijós.
Falavam muitas línguas diferentes.
Eram diferentes entre si.
Viviam em muitos lugares:
no campo, na mata, perto do mar.

Percorriam praias e caminhos,
por serras e montanhas seguiam.
Colhiam, pescavam, plantavam,
levavam sementes por onde andavam.
Tudo era parte da vida
e a vida era povoada de histórias
que falavam do princípio do mundo.
Ñmandu era um Deus
que tudo escutava,
criador do mundo que os cercava.
E as histórias desses povos
não eram escritas em papel.
Compartilhadas,
permaneciam em seus pensamentos.
Como presença e memória,
tornavam-se ensinamentos.



Mas um dia chegou
em que algo espantoso ocorreu.
No mar,
que na praia se desdobrava em ondas,
caravelas empurradas pelo vento
traziam gente estrangeira.
Gente que pensava que
Pindorama não tinha nome.
Que os habitantes da terra
não tinham história nem pensamento.
Não queriam saber seus nomes,
nem suas histórias,
nem como viviam naquele lugar.
Podiam ser índios, então,
todos eles, qualquer um.
E uma carta foi escrita ao Rei

que era o senhor de uma terra distante.
Dizia que a terra descoberta era rica e farta.
Era bem possível encontrar,
até mesmo ouro e prata.
Para os portugueses,
os estrangeiros que aqui chegaram,
encontrar essa grande terra
era conquista, riqueza e poder.
O descobrimento comemoraram!
Para os indígenas que aqui viviam,
sua chegada trouxe morte,
violência e exploração.
O Novo Mundo que se construía,
destruía um mundo ancestral.
Para os povos que aqui viviam
o que aconteceu foi invasão.



E foi Pindorama
batizada com outros nomes,
ao longo do tempo da colonização:
foi ilha e foi terra: da vera ou da santa cruz.
Foi terra dos papagaios também!
Não era uma ilha,
nem a Índia Ocidental.
Não era um Novo Mundo.
Pindorama era terra ancestral.
Brasil virou seu nome
e Brasil seus habitantes.
Brasileiro era quem aqui trabalhava
no corte e na venda do pau-brasil.

A metrópole portuguesa sugou riquezas
muito além da Ibirapitanga.
A árvore vermelha
foi o principal produto
do começo da colonização,
pois era preciso recursos
para sustentar uma nação.
O Brasil tinha
um destino a cumprir,
uma única vocação.
Por mais de trezentos anos
esse sistema existiu
baseado na exploração.



Era preciso terra,
recursos, riqueza sem fim.
O sistema colonial ampliava seu poder
no trabalho da gente da terra,
e na vergonha
– assim pensamos -
da escravidão.
Vindos da África, os navios negreiros,
trouxeram para o Brasil
mais de cinco milhões.
Sequestrados de suas terras,
vendidos como escravos,
eram Jejes, Nagôs, Mandingas, Haussás.
Banto e iorubá, suas línguas.
Contavam histórias
de deuses fundamentais,

responsáveis pela criação,
como Odudua e Obatalá.
Mas o colonizador,
que dono da terra se achava,
é claro que pensava
que também possuía
os que ao trabalho forçado submetia.
Nem sequer sabia quem eram,
seus nomes esquecidos,
suas histórias e pensamentos
menosprezados.
Eram todos negros, então,
todos eles,
qualquer um.
Na roça, na mata, na casa, na rua
Sua vida era feita de trabalho e sujeição.



Por mais de trezentos anos
esse sistema existiu
baseado na exploração.
No Brasil quem mandava era senhor:
dono da terra ou comerciante português
Índigenas, negros, gente livre (mas pobre)
não tinham qualquer direito, não.
Num lugar tão explorado
e com tanta desigualdade,
muita luta havia desde a invasão.
Foram anos de revoltas,
guerras e rebeliões:
os indígenas fizeram guerra
contra os conquistadores,
os colonos se revoltavam
contra os comerciantes portugueses,

os proprietários de terra, nascidos aqui,
se rebelavam
contra os comerciantes reinóis,
vindos de Portugal.
Os negros, nos quilombos e ruas,
lutavam contra seus senhores
para que se findasse a escravidão.
Foram muitas as revoltas,
as rebeliões e conspirações.
Os interesses eram diversos
numa terra de tantos lugares,
com um povo novo,
mestiço,
sendo formado
e a maioria vivendo
vida de falta e opressão.



Uma guerra na Europa
provocou uma situação:
O Rei precisou fugir e
deixou Portugal para trás.
Com a ajuda dos ingleses,
para a colônia rumou.
O Brasil virou Reino Unido
mas, de fato, nada mudou.
Aqui mandava quem podia
e quem tinha juízo obedecia.
Sociedade,
mais uma vez afirmamos,
excludente, desigual e patriarcal.
Não eram poucos os que queriam
acabar com o sistema colonial.
Mas o sistema persistia,

agora com certa modificação:
Abertura dos Portos,
Aliança de Comércio e Navegação.
A cidade do Rio de Janeiro
tornou-se corte portuguesa,
ganhou Jardim Botânico, Biblioteca,
Banco, Museu
e até jornal de boa circulação
com as ideias, somente,
dos que mandavam nessa região.
Revoltas, guerras e rebeliões
continuaram a acontecer
Todas elas reprimidas
com grandes condenações:
morte, exílio
e muitos anos de prisão.



Ideais de Independência
começaram a ter vez.
Muita gente interessada
em quebrar
o monopólio português,
o longo e sofrido pacto colonial.
Antes que fosse tarde,
o príncipe se adiantou.
Portugal queria a recolonização.
Outros queriam era mesmo
uma revolução,
que incluísse o povo
e acabasse com a escravidão.
Para os aristocratas e fazendeiros
isso era mesmo demais:
quebrar o pacto colonial era seu interesse,

mas – alto lá – nada de incluir o povo
ou falar de democracia.
Pois, é claro, a escravidão permanecia.
D. Pedro, ouviu os conselhos
de Bonifácio e Leopoldina.
Os ingleses, fazendeiros e aristocratas
também fizeram pressão.
Nem recolonização
ou revolução,
o que seria feito era a emancipação.
E assim foi feita
a Independência do Brasil.
O Brasil virou Império
pelas mãos do herdeiro português.
Os aristocratas dominaram
a política imperial.



Os democratas,
que queriam a revolução,
foram presos ou desterrados.
Os escravos
e os trabalhadores livres e pobres,
desses ninguém queria saber.
Numa certa medida,
pouca coisa se transformou.
O Grito da Independência
virou quadro famoso,
fez D. Pedro um herói,
como se tivesse feito
algo fenomenal.
Muita coisa ainda permanecia
com base na ordem colonial.

Na nova constituição
que definia
o que era essa nação,
os brasileiros, ricos,
eram cidadãos,
os escravos – esses não!
Os cidadãos podiam votar,
menos os pobres
que não tinham condição.
A justiça é para todos,
mas alguns tinham direitos,
a maioria do povo
não tinha não.
A sociedade, que tristeza,
continuava excludente,
patriarcal e desigual.



Muitas histórias podemos contar
dessa terra chamada Pindorama,
que virou Brasil há 500 anos atrás.
O Brasil foi Colônia, Reino Unido e Império.
Mas será que é nação?
Precisamos contar essas histórias
para descobrir quem somos
nesse grande território,
onde se continua a viver lutas de resistência.
Lutas por justiça e igualdade,
feitas com grande persistência,
para vencer essa longa e contínua exclusão.
A escuta atenta dessas histórias pode nos inspirar
no caminho de uma urgente transformação.

Página 1 — Ilustração Pindorama

Fotografia “Janela na Ilha das Cinzas”: Priscila Iglesias, com detalhes gráficos inseridos digitalmente. Inserção de parte do “Retrato de três indígenas com cocar, arco e flechas”, colorizada digitalmente. Autor: Vincenzo Pastore/Data: 1905

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Fotográfica

Página 3 — Ilustração Caravelas

Fotografia “Mar em ondas” e Fotografia “Céu Dourado”: Priscila Iglesias
Inserção do desenho “Nau de D. João VI”, multiplicada e colorizada digitalmente através do Photoshop. Autor: Franz Joseph Frühbeck/Data: 1817

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Elementos gráficos inseridos na ilustração a partir do Banco de Imagens do Adobe Illustrator.

Página 5 — Ilustração Invasão

Fotografia “Mar e Praia” e Fotografia “Céu das Alagoas”: Priscila Iglesias
Inserções a partir de elementos de três gravuras:

“Costumes da Bahia” - Autor: Johann Moritz Rugendas/Data: entre 1827 e 1835

“Vista de Nossa Senhora da Boa Viagem” - Autor: Jacques Arago/Data: após 1822

“Veleiro França-Brasil na entrada da Baía de Guanabara” - Autor: Louis Le Breton/Data: 1855

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Elementos gráficos inseridos na ilustração a partir do Banco de Imagens do Adobe Illustrator.

Página 7 — Ilustração Navio Negroiro

Fotografia “Mar Revolto” e Fotografia “Céu de tonalidades”: Priscila Iglesias

Inserção do desenho “Navio”

Autor: Edoardo Martino/Data: 1872

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Elemento (chuva) inserido na ilustração mediante Photoshop.

Página 9 — Ilustração Escravidão e solidão

Fotografia “Um pé de mamão que quer alcançar o céu” - Claudia Hlebetz Teixeira

Foto recortada para usar o céu como as águas do rio e o pé de mamão como destaque.

Inserção na gravura “Perto da propriedade de Jundiçara no Distrito de Ubatuba”, colorizada digitalmente. Autor: Carl Friedrich Philipp von Martius/Data: 1851

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Página 11 — Ilustração Cidade habitada

Fotografia “Azul com nuvens” - Claudia Hlebetz Teixeira

Inserção da gravura “ Rio de Janeiro — Palácio Imperial e Catedral”

Autor Desconhecido/sem data

Inserção de parte da gravura “Negras do Rio de Janeiro”

Autor: Fahnlein, a partir de Johann Moritz Rugendas/sem data

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliiana Iconográfica

Elementos gráficos inseridos na ilustração a partir do Banco de Imagens do Adobe Illustrator.

Página 13 — Ilustração Gente brasileira

Fotografia “Horizonte Paraibano”: Priscila Iglesias

Inserção na pintura “Vistas do Brasil”, recortada e recomposta digitalmente.

Autor: Jean-Julien Deltil, a partir de Johann Moritz Rugendas/entre 1829 e 1830

Inserção de parte da gravura “Artocarpus integrifolia [jaqueira], de cuja sombra vê-se a baía e a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro”. Autor:

Carl Friedrich Philipp von Martius, a partir de Benjamin Mary/Data: 1847

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasiliana Iconográfica

Inserção das gravuras, recortadas digitalmente:

a) “Família indo a Missa”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

b) “Quitandeira de galinhas”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

c) “Uma Rede”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

d) “Quitandeira”

Autor: Atribuído a Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive/Data: 1840

e) “Quitandeira”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

f) “Negra Bahiana”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

g) “Preto de Ganho”

Autor: Atribuído a Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive/Data: 1840

h) “Mascate”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

i) “Carregadores de café”

Autor: Atribuído a Eduard Hildebrandt/Data: entre 1846 e 1849

j) “Aldeia de Caboclos de Cantagalo”

Autor: Jean Baptiste Debret/Data: entre 1834 e 1839

Página 15 — Ilustração Independência

Fotografia “Céu cor de bronze”: Priscila Iglesias

Fotografia “Rio do Braço” - Paulo Bi, recortada e colorizada digitalmente

Inserção na gravura “Os Campos Gerais junto à Serra da Mantiqueira perto de Lorena, Província de S. Paulo”, colorizada digitalmente. Autor: Carl Friedrich Philipp von Martius/Data: 1841

Acervo Instituto Moreira Salles/Brasileira Iconográfica

Página 17 - Ilustração Povo

Fotografia “Carnaval no Rio de Janeiro”: Priscila Iglesias, recomposta digitalmente em cor e P&B

Elementos gráficos inseridos na ilustração a partir do Banco de Imagens do Adobe Illustrator.

Realização



Patrocínio

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

